



Piá21

Este caderno é parte integrante do informativo Eco da Tradição



Nº 137
Janeiro de 2013

O caderno Piá 21 é publicado mensalmente junto ao jornal Eco da Tradição, sob a responsabilidade da Vice-Presidente de Cultura do MTG - Neusa Marli Bonna Secchi

OS BIRIVAS E O TROPEIRISMO

“AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DO TROPEIRO”

Do Bailar Biriva

A história do Rio Grande do Sul está intimamente ligada a atividade vivida pelos tropeiros, visto que a exploração pastoril se constituiu no grande embolo, de ação civilizadora não só no Estado, como em vastíssima região brasileira.

Temos por objetivo valorizar as manifestações artísticas culturais do Tropeiro Biriva, atividade que se desenvolveu por mais de duas centúrias (séculos XVIII, XIX e XX), no Sul do Brasil, e que deixou marcantes manifestações nos costumes rio-grandenses, abrilhantando sobremaneira, o folclore gaúcho no ciclo fandanguista, com as danças só masculinas.

A ação de certo arrieiro Rio-Grandense por determinadas plagas do Estado, do seu ir-e-vir à outras áreas do Brasil, numa transumância pastoril



comercial, e mesmo de tropeiros Brasileiros de pastorear no Rio Grande do Sul e voltar com “gado em pé” aos seus rincões de origem do País, facilitou a existência dessas danças e seus cantos, temas realizados só por homens campeiros em seus momentos de lazer, no vivenciar dos “pousos”, no des-

cansar da “bruaca” de suas tropas cargueiras (em especial muleiras) ou de se recriar, na sociedade rural primitiva, embora saibamos do trabalho árduo e estafante que essa jornada campestre exigia, as que, mesmo assim, permitia o tropeiro tosco, momentos espirituais de cantar e dançar alegremente com companheiros de tropeada, atividade altamente pecuarista de outrora.

Com a chegada da mulher branca, esta sociedade só de homens, se modifica e o tropeirismo se enriquece de novas matizes bailáveis, em par casal.

No desejo de mostrar a riqueza e a amplitude de nossos motivos tradicionais à área musicoreográfica rio-grandense, o CTG Cancela do Imigrante do município de Antônio Prado - RS, designou os jovens Elton Mag-nabosco, Luzia Pasqualini, Karina Campagnaro (diretores artísticos) e Cristiano Barbosa (instrutor), para que entrasse em contato com o Folclorista e Pesquisador Paixão Corte para realizar um Curso de Tropeirismo Biriva. Com isso em 1998 realizou-se o Primeiro Curso de Danças Birivas do Tropeirismo Gaúcho, e conseqüentemente o primeiro Concurso no IV Rodeio Nacional do CTG Cancela do Imigrante. Dando início as Danças do Tropeirismo em nossos concursos em âmbito nacional e até internacional com o CTG Índio José da cidade de Santa Rita do Paraguai.

Pouso de Tropeiro

O pintor francês Jean Baptista Debret se constituiu numa das mais preciosas fontes documentais de consulta sobre hábitos e costumes Brasileiros, nos primeiros decênios do século XIX, especialmente sobre o ir e vir do tropeiro pela região sul do país. Registrou senas do cotidiano, dos pousos de tropa, muito importantes para as pesquisas dos dias atuais.

Afora a segurança maior para a tropa em enormes e grandiosas “mangueiras de pedra”, ou poteiros “bem tapados e fechados”, o tropeiro fazia seu pouso em “barraca” ou “céu aberto”, resguardado pela posição das bruacas e canastras no chão, ditas “fortalezas”, isto é, peças típicas cargueiras alinhadas no solo em forma de quadrilátero, cuja área central os tropeiros dormiam protegidos, adequadamente pelo “ligal” e coberto pelos seus ponchos. Os tropeiros amarravam seus cachorros estrategicamente à “fortaleza”, para alertá-los a noite de qualquer situação estranha. Quando não, o biriva abrigava-se do tempo em habitações coletivas toscas, amplas, cuja “rancheiro” não lê cobrava nada pelo dormitório ou permanência, a não ser, uma taxa per capita pelo pastoreio e aguada da tropa encerrada em seu poteiro. Sob responsabilidade das autoridades governamentais, havia também, os “ran-

Loja da Fundação Gaúcha da Serra
 Aqui tu encontras livros, bombachas, camisetas, camisas, botons, pastas, bombas, cds, dvds e muito mais

R. Guilherme Schell, 90
 Bairro Sto. Antônio - Porto Alegre/RS
 (51) 3223.5194
 www.mtg.org.br
 lojafcg@mtg.org.br

ERVA-MATE Selo MTG R\$ 5,50

LIVROS DA BIBLIOGRAFIA

LENÇOS, CAMISAS e CASACOS

BOMBACHAS

CHAPÉUS

BOLSAS E PASTAS

Manual de Tradicionalismo Gaúcho
 Lançamento

De Segunda a Sexta
 Das 9h às 12h - Das 13h às 18h
 Remetemos os produtos para todo o Brasil

Visite nossa loja ou faça sua encomenda por telefone ou e-mail



chos” e os “potreiros” chamados de “reiunos”, habitações e pastagens públicas, sem custos a tropeiragem, mas acentadas, estrategicamente junto aos registros, de cobranças de impostos de trânsito de tropa. No local descarregava o tropeiro suas encilhas, bruacas, canastras, jacás, surrões facões e arriames campestres; fazia seu café tropeiro, degustava um torresmo, pilava um charque para uma paçoca, tomava um mate, preparava seu revirado de feijão em uma trempe. Também desenvolvia outras atividades como, retemperar ferradura, afiar facão de mato, costurar com tentos cordas rompidas, e em momentos de lazer, compartilhava com demais companheiros de outras comitivas, cantando ao som de uma viola de 12 cordas e roseteando na terra dura seus temas das “modas dos antigamente”.

Teatralidade e trajar biriva

Foto: Deivis Bueno



O gaúcho é teatral em seu trabalho campeiro, se o gaúcho usa de gestos livres e largos no rodeio, se o gaúcho grita na hora da avançada e entrechoque da cavalaria, conforme nos informa Salis Goulart : “... a cavalaria é a arma ofensiva, sempre foi terrivelmente teatral, os largos gestos, os altos brados, o apogeu da força e da plasticidade em que o homem se eleva ao máximo desenvolvimento de sua personalidade são características fulminantes da ofensiva, tudo isso a fim de intimidar o inimigo, com isso, criando a teatralidade do gaúcho...” Por que agirá diferente na hora de se divertir, de bailar.

Assim chegamos à principal característica das danças Tropeiras: a teatralidade do homem tropeiro. Dentro do máximo respeito, ele procura

realçar sua individualidade, desde o modo de se vestir até o modo de executar a coreografia. Ele procura sobre sair-se, mostrar que é melhor sapateador, procurar recitar os versos mais pitorescos e enfeitar seus passos com variações as mais difíceis.

Há porem, mesmos nos movimentos figurativos, uma elegância uma nobreza de gestos, condizente a geração do tema bailável despídos de movimentos rígidos. O bailar do tropeiro se reveste de animação contagiante. São danças de certa forma em desafio, bailadas só por homens onde os bailarinos fazem submergir suas habilidades.

O Biriva trazia peculiaridades na metodologia de seu trabalho rural, no encilhar o cavalo, no modo de falar, na maneira de cantar, na forma de dançar, no alimentar-se e até mesmo na originalidade do trajar-se campesinamente. Enfim, possui uma identidade cultural, que os distingue das demais, no mosaico dos tipos regionais do Rio Grande do Sul.

As referências relativas ao trajar biriva que transitaram pelo pagos rio-grandenses, nos prôdomos da centúria XVIII, são de peças originais ou reconstituições atuais, dentre os tipos de trajes à “moda do sistema dos antigamente” que caracterizavam o enroupamento dos birivas do passado, em suas atividade de trabalho campestre diário ou festivo.



As danças

Conforme pesquisa de Paixão Cortes, foram encontrados quatro temas bailáveis: Chico do Porrete, Dança dos Facões, Fandango Sapateado ou Fandango Primitivo e Chula.

Chico do Porrete é uma espécie de dança em desafio que exige muita resistência física e destreza. A característica principal desse tema está no movimento de passagem de um bastão por entre as pernas.

Coreograficamente essa dança se caracteriza por duas partes distintas: uma em que o dançante tomado por uma extremidade do bastão procura passá-lo por uma perna e outra com o auxílio das mãos, tendo a outra apoiada no solo, e a segunda, onde o dançante realiza sapateios cruzando por cima do mesmo cabendo a cada executante, realizá-lo de acordo com sua maior ou menos destreza.

Esse tema foi encontrado por Paixão Cortes em 1961 em São Francisco de Paula e rincões do ir-e-vir das “comitivas das tropas de mula” na



Encosta da Serra do Mar. Consta sua descrição coreográfica na obra Danças Tradicionais Rio-Grandenses Achegas; J. C. Paixão Côrtes, 1992, Editora Padre Berthier, Passo Fundo - RS

Dança dos Facões: Bailada só por homens, que portando cada um deles dois facões, cadencia a música (valsa campeira) com precisas batidas esgrimadas, exigindo dos dançarinos, muita habilidade, destreza e precisão, a fim de evitar cortes ou eventuais acidentes entre os participantes.

Pode ser dançada em uma só fila ao redor do salão ou, como é comum, em dois grupos ou mais ternos em "confronto".

Foto: Deivis Bueno



Dança pesquisada em 1957, e executada outrora, no roteiro dos "caminhos das tropas" (municípios de Pinheiro Grosso, Vacaria, Bom Jesus, São Francisco de Paula, São José do Ausentes) e no seio da sociedade rústica primitiva, nos Campos de Cima da Serra.

De certo modo há um simbolismo, uma representação ensaiada em seus movimentos, mas não se faz deles uma luta de "ferro branco". Erroneamente temos vistos grupos de bailantes tradicionalistas, fazendo desse tema um motivo coreográfico barbaresco, de infundada violência, fugindo de uma arte folclórica autêntica. Consta sua descrição coreográfica na obra Danças Tradicionais Rio-Grandenses Achegas; J. C. Paixão Côrtes, 1992, Editora Padre Berthier, Passo Fundo - RS

Fandango Sapateado é herança do colonizador lusitano. Dança masculina. Cada cavalheiro, depois de bailar em circo e em conjunto, procura exibir sua capacidade de teatralidade, com figuras solos sapateadas, ao som de rosetear de nazarenas. Composto por figuras como o carneirão, serra e pucha, martelão, martelinho, olha os dois, olha os três, redobrado, saracura, redemuinho, machadinho (essa não reconstituída), parafuso, olha o bicho, "arubu" e caçador.

Motivo oriundo do século XVIII, quando do nascimento do gaúcho do campo, em sua atividade birivista tropeira.

Este tema é nosso mais antigo motivo coreográfico, deu origem da formação do Ciclo Fandanguista primitivo Rio-Grandense, onde aparece posteriormente a dama, formando o par. Pesquisa de 1960, encontrados raros e antigos sapateadores fandanguieiros, no roteiro das "estradas muleiras", em Santo Antônio da Patrulha, Taquara, Rolante, Criuva (Rincão da Mulada), Campo Bom e "subindo e descendo" a Encosta da Serra do Mar. Há considerações nas obras Gaúcho; danças, trajes e artesanatos; J. C. Paixão Côrtes, 1970, Editora Garatuja, Porto Alegre - RS e Danças Birivas do Tropeirismo Gaúcho, J. C. Paixão Côrtes, 2000, CORAG, Porto Alegre - RS.

Chula, dança executada somente por homens em desafio, na qual dois ou mais bailantes se confrontam, cada um querendo mostrar suas habilidades coreográficas, através de movimentos gestuais e sapateios, de ambos os lados de uma aste de madeira colocada no chão. Esse tema historicamente nunca esteve ligado a uma idéia de revolução, por esse motivo não há necessidade de ser uma lança. Afora que liberdade criativa teatral de degradação se chegaria se uma prenda tivesse seus amores disputado numa chula?

Ela foi outrora um baile de lazer entre os gaúchos, ainda que de disputa habilidade e arte, optativamente no seio do mundo biriva.

Dança encontrada pela primeira vez no município de Vacaria em 1951, tendo como informante o gaiteiro Manuel Augustinho Serafim de 56 anos. Sua descrição coreográfica consta no Manual de Danças Gaúchas; Paixão Côrtes e Barbosa Lessa; Irmãos Vitale, São Paulo.

Texto e pesquisa realizados por:
Cristiano Barbosa
- tradicionalista e instrutor.



A história dos Tropeiros

Fidélis Dalcin Barbosa

Em 1555, os irmãos Vicente e Cipião Gois introduziam o gado no Paraguai, de onde algumas cabeças foram transferidas para as margens do Paraná e do Prata, daí espalhando-se para os campos rio-grandenses. Os jesuítas das reduções, por sua vez, introduziram o gado para sustento dos seus índios cristianizados. Daí por diante, nas primeiras décadas de 1600, o gado foi disseminando-se pela campanha, sendo a seguir introduzido na região litorânea entre Rio Grande e Tramandaí.

As inúmeras manadas de bovinos, muares, cavalares, encontradas nos campos do Continente de São Pedro pelos exploradores, constituíam nova fonte de riqueza nada inferior aos canaviais do nordeste e às minas de ouro e diamante do centro do Brasil. Explorar esta riqueza valia mais do que o comércio do contrabando, que se operava junto ao estuário do Prata.

Além da exploração do couro e do sebo do gado vacum, surgiria depois o comércio de mulas para o vale do rio São Francisco. Faltava agora transportar para lá. Era uma empreitada difícil, uma vez que pelo litoral, desde Laguna, tornava-se impossível abrir caminho, em virtude das escarpas intransponíveis ali existentes. A única alternativa seria uma estrada pela serra.

Surge então a legendária figura de Cristóvão Pereira de Abreu, um nobre fidalgo português, da família do Condestável Nuno Álvares. Emigrou ainda solteiro para o Rio de Janeiro, por volta de 1700.

Aos 42 anos arrematou, em leilão promovido pelo Rei, o monopólio de couros do Sul do Brasil, pagando o imposto anual de 70.000 cruzados. Transformou a Colônia do Sacramento no maior empório mundial de comércio e contrabando de couro ao exportar 500.000 peças por ano.

Um dos primeiros estancieiros e sesmeiros do Rio Grande do Sul, foi também o primeiro tropeiro a transportar tropas para o mercado das minas de ouro do centro do Brasil.

Associou-se então ao lagunense Francisco de Sousa Faria, com a finalidade de abrir um caminho pela serra, desde o Morro dos Conventos, em Araranguá, até Sorocaba, cruzando pelos campos de Vacaria e Lages, em 1727.

Foi por este caminho que Cristóvão Pereira de Abreu em 1729 conduziu a primeira leva de centenas de cavalos e mulas. Na segunda viagem, que durou 14 meses, com 130 tropeiros, levou 3.000 animais à Feira de Sorocaba.

Encurtando caminho, Cristóvão Pereira, nos anos de 1731 e 1732, abriu a famosa estrada ligando os campos de Viamão a Lages, através do vale de Rolante. Ao longo desta estrada foram então surgindo povoados, como Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Vacaria...

Por ordem de Gomes Freire de Andrada, o tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu, a partir de 1736, com 160 homens, durante cinco meses, dominou todo o sul do Continente, edificando fortificações, com o objetivo de repelir um eventual ataque dos castelhanos e preparando ambiente para a fundação oficial do Rio Grande do Sul, pelo Brigadeiro, José da Silva Pais, no histórico dia 19-2-1737.

Ainda por ordem de Gomes Freire de Andrada, Cristóvão Pereira de Abreu, em 1738, abria o caminho das tropas para as Missões, ligando laguna à região pelo Planalto, nos atuais municípios de Bom Jesus, Vacaria, Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Carazinho, Cruz Alta, Palmeira das Missões e outros. Em 1752, em carta ao Rei de Portugal, Gomes Freire de Andrada fazia referências a esta estrada.

O caminho das Missões pelo Planalto fora aberto pelos missionários jesuítas. Por ele passou o bandeirante André Fernandes em 1637, e no ano seguinte Fernão Dias Pais. O caminho atravessava o Mato Português, o Campo do Meio e o Mato Castelhanos, nomes que remontam ao tempo das Missões Jesuíticas.

Em 1641, passava por esta estrada a bandeira de Jerônimo de Barros. No ano de 1819, João de Barros, abastado tropeiro paulista, abriu novo pique no Mato Castelhanos, por terrenos mais favoráveis e encurtando distâncias.

Mas a passagem dos dois matos, situados entre os atuais municípios de Lagoa Vermelha e Passo Fundo, era extremamente perigosa para os tropeiros, em virtude da hostilidade do gentio, que assaltava as caravanas. Em abril de 1835, por exemplo, os índios coroados, no Mato Português, exterminaram a caravana do tropeiro paulista Domiciano de Mascarenhas Camelo, composta de 14 pessoas, salvando-se apenas ele e um filhinho de dois anos, gravemente ferido.

Os tropeiros, ao penetrar nesses matos, em geral, contratavam um bugreiro para acompanhá-los e defendê-los contra os possíveis assaltos indígenas. O mais temido desses bugreiros foi José Domingos Nunes de Oliveira, que morava junto do Mato Castelhanos. Era tão temido dos índios, que chegava a afugentá-los com a presença do seu pala de gaúcho, que ele costumava emprestar aos chefes das caravanas ou das tropas de muares.

Garibaldi em suas memórias fala dos foges que os bugres abriam nesses matos para assaltar as caravanas de tropeiros. Durante a Revolução Farroupilha, visto como os indígenas eram amigos dos revolucionários e inimigos dos imperiais, facilitaram a passagem dos farrapos e obstaculizaram a força de Labatut.

Os tropeiros procedentes das Missões, a princípio, cruzavam o rio Pelotas no Passo de Santa Vitória, no atual município de Bom Jesus, onde em 26-5-1780 foi instalado um Registro. Por volta de 1785, os tropeiros, encurtando caminho e fugindo à cobrança do imposto no Registro de Santa Vitória, abriram um passo clandestino na barra do Marombas. Era o Passo do Pontão, nos atuais municípios de Campos Novos e Barracão, na BR-470. Este passo foi oficializado em 1818 pelo bandeirante Atanagildo Pinto Martins. Em 4-3-1848, o Registro de Santa Vitória foi removido para o Passo do Pontão, que se tornou o mais movimentado de toda a Província, de sorte que a Coletoria do Pontão passou a ser a mais rendosa. No ano de 1856, a Coletoria do Pontão rendeu 26:339\$310 réis. Nesse ano já existia o Passo de Nonoai, que fez decrescer a renda do Pontão.

O ciclo do tropeirismo prolongou-se por 200 anos, desde Cristóvão Pereira de Abreu até Pinheiro Machado. Ao longo destes dois séculos, os tropeiros escreveram uma das mais heroicas epopeias da História do Brasil.

“A vida de tropeiro - escreve F. Abreu de Medeiros, em *Curiosidades Brasileiras* - é, sem dúvida, a mais cheia de sobressaltos, de inquietações e sofrimentos. Romper sertões extensos, só habitados por indígenas e feras bravias; penetrar até os mais recônditos lugares do Rio Grande, e, se necessário, transpor os limites da Província; ir até os castelhanos em busca da melhor fazenda e de negócio mais vantajoso; voltar debaixo de rigoroso sol e copiosas chuvas com uma tropa de quinhentas, oitocentas ou mil bestas; correr a extensão dos campos; entranhar-se pelas espessas matas após aqueles animais que fogem da ronda, que se extraviam e morrem continuamente, e que, por um pequeno descuido, se entreveram com tropas de outros donos; atravessar com grande risco de vida os rios caudalosos que cortam as estradas; comer ao romper do dia e à noite o mal cozido feijão de caldeirão e o velho churrasco, saboreando também o infalível e proverbial mate-chimarrão; ver-se obrigado, pela falta de uma barraca, ou pela impossibilidade de armá-la, dormir ao relento, sem outro teto mais que a abóbada celeste, estendido à beira de um arroio, sobre um chão duro, apenas forrado de xerga e carona, repassado de suor do matungo lerdo e cansado, tendo por travesseiro o lombinho, único arrimo que se conhece por esses despovoados por amparar a cabeça e um pobre corpo alquebrado pelas fadigas do dia...”

O tráfego de muares entre o extremo-sul e as regiões do centro do Brasil constituía uma das maiores fontes de rendas da província de São Paulo, em virtude da cobrança de imposto per capita durante o caminho e na Feira de Sorocaba. Nesta feira, nos anos de 1855 e 1860, foram comercializadas anualmente cem mil muares.

